

VELHICE E EDUCAÇÃO: DESAFIOS PARA A ALFABETIZAÇÃO DO VELHO.

Rita de Cássia Matos de Lima¹

Alline Aragão Pontes²

Cláudia dos Santos Costa³

RESUMO:

O propósito da presente pesquisa foi conhecer os desafios da alfabetização do velho. Desta forma, optou-se por um estudo bibliográfico sobre Velhice e Educação, desafios para alfabetização do velho, como forma de investigação e reflexão sobre pesquisa de artigos, tais como: O idoso e os desafios à sua educação escolar, de SILVA, junho/2009; Alfabetização e a terceira idade: um diálogo possível entre a lingüística e a educação libertadora, de SOUSA e RAMALHO; Velhice, educação e exclusão: a educação de jovens e adultos e o analfabetismo entre idosos, de PERES, abril/2010; Alfabetização: a influência da família e do contexto social, e de FIGUEIRA, 2001. Após apresentar algumas definições a respeito da velhice e envelhecimento focalizou-se a realidade da educação no Brasil, a importância do método de Paulo Freire e a educação permanente do velho. Para tanto, conclui-se com os desafios do educando no âmbito escolar, o papel da família e as possibilidades e limites na educação na vida do velho, visando a possibilidade do conhecimento, o resgate da dignidade no exercício da cidadania e a elevação da autoestima dos velhos, contribuindo para a melhoria na qualidade de vida dessa faixa etária.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice, Educação e Envelhecimento Populacional.

INTRODUÇÃO

Na elaboração deste trabalho, além dos artigos pesquisado na internet, foi utilizado acervo bibliográfico, como livros e artigos encontrados na internet, que favoreceu a execução do mesmo como: BEAUVOIR (1990), BRANDÃO (1981), ESTATUTTO DO IDOSO; FREIRE (1979; 1999; 2008), GADOTTI (2001), MASCARO (2004; 2007), NERI (2005), OLIVEIRA (1999), SIMÕES (1998), VERAS (1999), dentre outros.

É importante salientar que no decorrer da pesquisa assumo o termo velho, já que este é o sujeito do envelhecer, conforme a escolha que fez Alcântara (2010, p.15), pelo fato de esta categoria redimensionar com maior clareza as representações pelas quais a velhice vem passando.

¹ Concludente do curso de Graduação em Serviço Social das Faculdades INTA, Sobral-CE

² Assistente Social, professora do curso Graduação em Serviço Social das Faculdades INTA, Sobral-CE

³ Assistente Social, professora substituta do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral-CE

Na avaliação de Alcântara (2010, p. 15):

Na sociedade brasileira, percebe que, existe um certo melindre para pronunciar a palavra “velho”, pois parece que aos insulto, o que não é difícil de compreender, uma vez que a juventude é uma categoria privilegiada, apresentando-se como um padrão valorizado, em oposição à desvalorização da velhice.

É importante destacar que o envelhecimento populacional é um fenômeno mundial. Este fenômeno ocorreu inicialmente em países desenvolvidos, mas recentemente é nos países em desenvolvimento que o envelhecimento da população tem ocorrido de forma mais acentuada.

No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE somente a partir da década de 60, esse envelhecimento tem tido grande impacto, segundo as projeções estatísticas apontam que até 2025, ocuparemos o 6º lugar no que se refere à população idosa, conduzindo a um repensar sobre as políticas sociais, econômicas e políticas. No Brasil este fenômeno persiste, deixando de ter um perfil exclusivamente jovem na medida em que a população de velhos vem aumentando.

Com relação ao sistema educacional, as desigualdades estão diminuindo, mas o nível do rendimento familiar ainda é desigual. Analfabetismo ainda se concentra em idosos, principalmente nas pessoas com menor rendimento e residente na região Nordeste, sendo que na referida região 42,6% tinham mais de 60 anos, segundo dados do IBGE/2010.

Diante de tal contexto, verificando o aumento de idosos, houve o interesse em pesquisar o processo de envelhecimento no Brasil, verificando a educação voltada para a pessoa idosa.

Esta pesquisa tem como objetivo geral identificar os desafios para a alfabetização dos velhos, buscando conhecer os benefícios e dificuldades do velho não alfabetizado no Brasil. Estudo feito através da compreensão das leituras dos artigos selecionados, apresentando entendimentos a partir de novos conhecimentos na área da velhice e educação.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, ou seja, tem como fonte primordial os registros impressos nos artigos que contêm texto analiticamente processados pelos seus autores. Foram pesquisados os seguintes artigos:

Artigo I - O idoso e os desafios à educação escolar: da autora Maria do Carmo Batista Silva (UEM). Esse artigo apresentado no Seminário de Pesquisa do Programa Pós-Graduação em Educação no período de 08 a 09 de junho de 2009, na Universidade Estadual de Maringá.

Artigo II - Alfabetização e Terceira Idade: um diálogo possível entre a lingüística e a educação libertadora. Autora Betânia Rocha de Sousa e Zilda Lauro Ramalho. Trabalho realizado com Círculo de Cultura⁴ de velhos do GETI - Grupo de Estudos da Terceira Idade na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal.

Artigo III - Velhice, educação e exclusão de jovens e adultos e o analfabetismo entre idosos. Autor Marcos Augusto de Castro Peres. Artigo publicado em abril/2010 na revista Verinotio – revista on-line de educação e ciências humanas.

Artigo IV - Alfabetização: a influência da família e do contexto social. Revista do programa de mestrado em educação e cultura, jan/2010, Universidade do Estado de Santa Catarina.

Nessa perspectiva, serão realizados análise e diagnósticos dos artigos descritos acima e apresentado resultados fazendo referencias as teorias relacionadas ao assunto abordado. Cada artigo será destinado a cada tópico, isto é, a cada subtítulo, que após algumas leituras, foram identificadas algumas características exposta na construção do texto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No momento de um retorno ao ambiente da sala de aula ou mesmo quando nunca adentrou a um processo educativo, os idosos possuem grandes dificuldades nessa chegada, necessitando de um trabalho no que se refere à auto estima, já que esse estudante passou um longo período longe da escola ou, até mesmo, nunca freqüentou uma, e como ocorre na maioria dos casos, ao professor é dado o papel de protagonista nesse longo processo de inserção do sujeito-aluno dentro do ambiente escola, mostrando que o Projeto Pedagógico deve estar construído dentro dessas deficiências e a fim de modificá-las positivamente, reconstruindo esse contexto e tornando a re-adaptação do aluno o mais gratificante possível (DI PIERO, 2002).

⁴ Expressão utilizada por Paulo Freire no livro Pedagogia do Oprimido, ao se referir a turma de alfabetização de adultos.

Portanto, aos estudantes idosos tem-se que ter em vista a língua como um sistema de signos histórico e social, que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Para aprendê-la, não basta somente copiar palavras, mas compreender seus significados culturais, interpretando a realidade vivida pela sociedade atual. Pode-se observar que o estudante copista somente reproduz o sistema de representação escrita, não consegue compreender as funções da escrita, sente dificuldades de entender o que está escrito e não se expressa por escrito com eficácia e de forma adequada às diferentes situações comunicativas, ou seja, um repetidor de conceitos, um indivíduo isolado.

Nesse sentido as questões que envolvem o processo de aprender na terceira idade só serão verdadeiramente compreendidas se não perdermos de vista a história dos sujeitos sócio históricos de aprender ensinando e o ensinar aprendendo.

A intencionalidade do ato pedagógico, que não pode ser perdida de vista, sob pena de continuar a excluir a população idosa dos processos de produção de saberes e do gerenciamento da sociedade, nos assegura que precisamos considerar a diversidade própria da sala de aula – que reúne sujeitos com diferentes histórias, lutas, saberes e expectativas – e, nesta diversidade, garantir, pedagogicamente, um ponto de chegada comum a todos os alunos, o qual será balizado pelos objetivos estabelecidos no conjunto das intenções da prática pedagógica, política e tecnicamente, trata-se, aqui, da funcionalidade do processo de ensinar e aprender gestado e implementado por nossas escolas. (MALTA, 2005).

O professor deve priorizar sua formação continuada que auxiliará na construção de uma maior aprendizagem para seus estudantes jovens e adultos visando atender ao quadro que exige maiores e melhores habilidades do profissional e como trabalhador.

Portanto, o alfabetizador não considera um professor em sala de aula, mas um coordenador de debates e de troca de experiências de professor e aluno, não há um método específico para trabalhar, procura buscar na sua ética como respeitar a curiosidade do educando, sempre num processo de aprendizado, na troca de experiências, a uma formação continuada de professor e aluno,

É justamente nesse momento em que os idosos voltam para escola, na busca de recuperar o tempo perdido e viver os caminhos que levam ao prazer do aprender ou reaprender a ler e a escrever que está o direcionamento do respeito para com essa parcela da população, que mesmo protegida por Leis, ainda sofre com a indiferença daqueles que não

fazem valer na prática o que os documentos garantem como direito.

Pensar em envelhecimento e na possibilidade de alfabetização para o idoso presume refletir sobre um processo biológico que envolve a deterioração progressiva das condições de saúde, e este resultando na diminuição da capacidade funcional do indivíduo. Mas, esta diminuição não depende apenas do avanço da idade, como também das características individuais, dos estilos de vida e das condições de trabalho (CAMARANO; PASINATO, 2008, p.7). O idoso por questões biológicas pode apresentar algumas limitações ou dificuldades, mas isso não significa a incapacidade de realizar tarefas.

Porém, os preconceitos acerca da velhice ilustram a cara da discriminação e opressão que muitos idosos sofrem, por serem considerados sujeitos improdutivos e sem capacidade de aprender. Nesse sentido, o idoso fica caracterizado como um peso para a sociedade, a qual por muitas vezes o oprime, considerando que seus conhecimentos são ultrapassados e suas experiências não tem significado.

Martins et al., (2002) afirma que a alfabetização precisa ser entendida sob dois aspectos, sendo o primeiro aquele que se refere à aquisição das habilidades necessárias para a leitura e para a escrita e o segundo como uma abordagem representativa de objetos de diferentes naturezas e significados.

Entre os grandes desafios que persistem no processo de alfabetização de idosos, ocorre pela consequência da má articulação entre a formação geral e profissional de como ocorre essa inserção através das políticas de Ensino de Jovens e Adultos.

Portanto, pode-se constatar ainda que esse processo no Brasil (...) é marcado pela descontinuidade e por tênues políticas públicas, insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. Essas políticas são, muitas vezes, resultantes de iniciativas individuais ou de grupos isolados, especialmente no âmbito da alfabetização, que se somam às iniciativas do Estado. (Documento base PROEJA-2005).

Neste sentido justifica-se a falta de possibilidade e a exclusão de idosos em uma sala de aula, pois o limite já vem exposto desde primórdios. As práticas pedagógicas destinadas a estes grupos necessitam estar vinculadas aos aspectos históricos e sociais para facilitar a compreensão e elucidação das questões que realmente importam para os envolvidos no processo educativo. Para ele, se não ocorre uma reflexão sobre si mesmo, sobre seu papel no

mundo, não é possível ultrapassar os obstáculos que o próprio mundo impõe. Por isso a ação do professor, tendo ele consciência ou não, estimula o aluno à libertação ou à opressão. Nesta perspectiva, o alfabetizador deve incentivar os alunos a se posicionarem de maneira crítica diante da realidade que cada um vive, buscando favorecer sua conscientização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi estabelecido um diálogo sobre Velhice e Envelhecimento, seus conceitos e características fundamentais, suas dimensões e aspectos diversos, para então apresentar o cenário do envelhecimento populacional no Brasil, abordando de forma transversal a temática da educação para este segmento. Tal diálogo nos propiciou uma maior compreensão acerca da subjetividade que envolve o processo do envelhecimento, as vivências relacionadas à velhice e o lugar ocupado pela educação nestes, assim como também os impactos causados pela ausência ou oferta precária da mesma.

Partindo deste debate e dos índices apresentados neste trabalho, compreende-se que a educação para idosos no Brasil encontra desafios tanto no segmento quanto na própria política. Nos primeiros, os desafios são de origem biológica, envolvendo declínio e/ou perda das capacidades físicas e intelectuais, que comprometem sobremaneira o processo de aprendizagem. Na segunda, os desafios são de ordem estrutural, uma vez que vivemos numa era de valorização da velocidade e da novidade, em detrimento de tudo aquilo que se considera tradicional, ou arcaico ou velho, em especial quando o contexto é de um sistema excludente.

É perceptível também que, apesar dos avanços constituídos nos últimos tempos, em especial com as legislações nas áreas dos direitos e da seguridade social, segundo os estudos acima citados, o Brasil ainda não está preparado para lidar com o fenômeno do envelhecimento populacional que o atinge, e que acarreta tanto o aumento da expectativa de vida quanto os custos financeiros e sociais deste. É um dos cenários mais complexos para este segmento é o da educação, uma vez que seus representantes são exatamente os remanescentes de uma política pública educacional desarticulada e pontual, que gerou os indicadores hoje expressos pelo último censo. Tais indicadores evidenciam ainda mais a exclusão do referido sistema educacional quando analisamos a conjuntura sob o recorte da renda e da regionalização, já que tais dados situam a Região Nordeste como a mais afetada pelo analfabetismo, apontando que mais de 45% da população idosa não sabe ler nem escrever.

Nestes termos, e pensando a educação como processo político que possibilita a transformação social, pode haver uma tendência maior à culpabilização do idoso por não ter estudado no tempo certo do que uma responsabilização do poder público por não ter disponibilizado condições para sua escolarização na idade propícia, reforçando a discriminação e a marginalização deste segmento.

Com relação ao papel da família no processo de alfabetização do idoso, entendemos como de fundamental importância, considerando o núcleo familiar como primeiro vetor de educação informal e responsável pela socialização primária de seus membros. Entretanto, compreendemos também as transformações ocorridas na estrutura familiar nas últimas décadas e como tais transformações exercem influência direta na questão da escolarização de seus entes, seja qual for sua faixa etária, uma vez que afetam os vínculos e podem estabelecer uma dinâmica familiar pautada na desvalorização de seus membros idosos. Desta forma, o fortalecimento dos vínculos familiares, a presença do cuidado e do afeto, o relacionamento pautado no diálogo e a valorização de cada membro, independente de seu ciclo de vida, impõem-se como imprescindíveis para que o idoso se sinta seguro em inserir-se ou dê continuidade a um projeto educacional nesta etapa da vida.

No que se refere às possibilidades e limites na alfabetização dos velhos, identificamos que a redução da capacidade funcional do idoso, por si só, não se constitui em incapacidade de aprendizado, principalmente porque ela não depende apenas da idade, mas também de uma série de outros fatores. Entretanto, aliada a uma conjuntura pautada na exclusão e na discriminação e numa ideologia da novidade, tal redução assume dimensões paralisantes para os idosos, que terminam por entronizarem sua condição de incapazes, contribuindo eles mesmos para a falência prematura de sua proposta de alfabetização.

Por outro lado, com a contribuição de profissionais que possibilitem uma leitura crítica do mundo, os idosos podem atingir um nível crítico que lhes permita perceber a realidade existente ao seu redor, através de um processo de simbolização das vivências trazidas pelos próprios idosos para a sala de aula. Como “pessoas vividas” e detentores de uma carga histórica, os idosos são conhecedores de processos ainda não vividos ou experimentados pelas outras gerações, fator que pode surgir como potencialidade, dependendo do contexto explorado e do profissional que o direciona.

Considerando o acima exposto, compreendemos como sendo de extrema relevância um maior aprofundamento na questão do idoso analfabeto e das consequências que tal

situação acarreta em sua vida cotidiana, e imprimimos caráter urgente para o acesso dos mesmos aos espaços pedagógicos que lhe permitam não somente um processo de alfabetização, como também um processo de reflexão sobre todas as dimensões de sua existência.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. O. *Da velhice da praça à velhice da roça: revisitando mitos e certezas sobre velhos e famílias na cidade e no rural*. Campinas, SP. 2010.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso*. Brasília, DF: Senado Federal, 2003. Disponível em: <www.brasil.gov.br/lei10741>. Acesso em: 08 agosto, 2012.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Trad. de Maria Helena Franco Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FREIRE, P. In: *A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento*. São Paulo, v. 19, n.42, p. 69, jun. 2008.

_____. *Importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989

GADOTTI, M. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas, 2001.

MASCARO, S. A. *O que é Velhice*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos).

NERI, A. L. O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In A. L. Neri (Org.), *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. (p.11-52). Campinas: Papyrus, 2001.

OLIVEIRA, R. C. S. *Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos possíveis*. São Paulo: Paulinas, 1999.

SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade – a marginalização do corpo idoso*. São Paulo: Unimep, 1998.

VERAS, R. *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. (Rio de Janeiro, 1999, p. 20).